

O "CAPO" NO JOGO DO BICHO - UMA ORGANIZAÇÃO PARATODOS

¹ Tânia Fischer

² Jair Nascimento Santos

Escola de Administração/NPGA/UFBA

RESUMO

Uma pesquisa de estudo de caso acerca da organização PARATODOS BAHIA, sobre a sua sobrevivência e permanência na gestão do Jogo do Bicho nas cidades de Salvador e Lauro de Freitas.

Key-Works:

Contravenção, Liderança, Organizações Virtuais, Redes Organizacionais.

1. INTRODUÇÃO

A PARATODOS BAHIA é uma organização com quatro anos de existência, sem registro legal, gerindo de forma monopolista o jogo do bicho nas cidades de Salvador e Lauro de Freitas na Bahia, explorando uma

¹ Professora Titular da EAUFBA e Pesquisadora 1A do CNPq.

² Mestrando em Administração da EAUFBA

atividade ilícita, citada no Código Penal Brasileiro através do art. 58 como contravenção penal, passível de prisão e multa, desde o ano de 1941.

Apesar do pouco tempo de existência, a organização demonstra vigor e, agora, na forma de uma empresa única, virtualizada (Davidow & Malone, 1993), moldada segundo os interesses dos seus sócios-quotistas e necessidades de permanência, evoluindo do estágio de empresa familiar, tradicionalmente associado às organizações contraventoras.

O jogo do bicho originou-se no Rio de Janeiro com a finalidade de ajudar a manter um Jardim Zoológico. Face à sua peculiaridade e aos desdobramentos para a ilicitude, surge uma questão: como uma organização contraventora sobrevive e permanece no tempo? Na intenção de responder a essa pergunta, supomos:

- jogo como fator de sedução do imaginário popular, visto serem dotados de imaginação simbólica e alegórica aqueles que se dispõem a comprá-lo, em especial, o do bicho;

- uma organização virtualizada que está em toda parte e em lugar nenhum, contracenando com múltiplas organizações e redes sociais (clientes, fornecedores, Estado); com fronteiras tênues, grande capilaridade, forte liderança e controle;

- uma organização com lógica própria, plena de contradições e perversões consentidas ou toleradas pela sociedade.

Nossa hipótese principal aponta para o papel da liderança na construção do ethos organizacional; seja

para ganhar a confiança e a lealdade dos adeptos, estabelecer limites e natureza do negócio, seja para divulgar a "visão" do futuro, imprimindo dinâmica à organização nos vários estágios por ela vividos no tempo e nos espaços sociais e urbanos, já que o jogo é um produto da urbe; essencialmente popular.

O estudo de uma organização contraventora dentro da linha de pesquisa Redes Organizacionais Locais: Mutações, Permanências, Inovações traz problemas novos de manejo de objeto e de inquietações sobre como tratar a dimensão ética dessa questão, plena de relativismo e contradições; é o que se pretende discutir nesta comunicação.

O foco na liderança como construtora de identidade organizacional deve-se ao papel especial desempenhado pelo "Capo" nessa organização marcadamente familiar, com lógica própria e pautas singulares de conduta.

2. PRIMEIRAS DIREÇÕES

Os estudos existentes sobre organizações, em sua quase totalidade, estão voltados a organizações legais cujo ethos é legitimado pela sociedade.

A PARATODOS BAHIA é uma organização contraventora, congregando quarenta e três sócios-quotistas com os mais diversos percentuais de participação, fato este desconsiderado nos momentos de decisão colegiada, quando o voto de cada um tem o mesmo peso. Conta, hoje, com mais de dez mil postos de trabalho diretos, amparados por um sistema próprio de assistência e benefícios sociais, extensivos às famílias dos empregados.

No intuito de sobreviver e manter o sucesso, a empresa lança mão de estratégias ímpares e facilitadoras do processo com um todo.

O estudo da PARATODOS privilegiará a liderança como fator de construção e dinamização organizacional e, para a adequada contextualização da figura do "Capo", será estudada a história de vida da organização, compreendendo:

a) a evolução sincrônica da organização e sua inserção nos diversos tempos sociais, considerando conjunturas políticas mais ou menos favoráveis ao jogo do bicho;

b) a evolução da organização enquanto sócio-estrutura e sua inserção nos diversos espaços sociais propiciados pela interconexão de redes organizacionais, tais como governo local, sistema de fiscalização e policiamento, associações comunitárias, esportivas e culturais, comércio local;

c) a análise da sócio-estrutura em sua dinâmica interna, como estratégias de gestão, desenho organizacional, práticas e procedimentos, comparando-se o que existe com o desejado.

Configurado o cenário, focaliza-se a figura dos fundadores: suas histórias e seus papéis nas transformações do presente. Para tanto, utilizaremos recursos metodológicos de etnometodologia organizacional, técnicas como história de vida, atentando para as especificidades da macro-cultura baiana, a exemplo das pesquisas já efetuadas por Siqueira, 1993; Fischer et alli, 1992/93; Risério, 1992; Dantas, 1992; França, 1993.

3. LIDERANÇA NAS ORGANIZAÇÕES CONTRAVENTORAS: RISCO E PROBLEMAS DE ANÁLISE

O que queremos com o estudo da liderança em uma organização contraventora?

Principalmente, entender como se processa a relação entre o líder e a organização; como esta existe e funciona, a que se deve a sua sobrevivência e permanência, sendo profundamente ambígua ao se assumir como ilegal e tentar legitimar-se como geradora de empregos.

Os recentes fatos ocorridos no Rio de Janeiro evidenciaram os bicheiros ainda mais. De campeões da impunidade e líderes sociais, benfeitores de escolas de samba e clubes de carnaval para as páginas policiais.

Há fortes reações contra as organizações e para-organizações ligadas ao bicho, pois "Os bicheiros são empresários da cultura popular carioca - futebol e carnaval - e filantropos de fachada. Substituem o Estado omissivo na prestação de serviços sociais e urbanos, onde a corrupção financeira é, apenas, um aspecto de promiscuidade das classes governamentais e elites" (Pinheiro, 1994).

A formação do "Estado paralelo" é também denunciada por Carvalho (1994), e o gigantismo e virtualidade dessa organização é inegável no Rio de Janeiro. Por razões que queremos identificar, tal não ocorre na Bahia, nem na mesma natureza ou proporção, não retirando da PARATODOS o seu caráter de ilegalidade.

Os construtores da cultura são os "Capo" do jogo do bicho. Os aportes contemporâneos de liderança resgatam

o mistério e a complexidade da missão e ofício do líder (Lapierre, 1994).

Oscilando entre o artesanato e a informatização, o cenário de sonhos e a racionalidade de procedimentos, o paternalismo e a truculência, o Capo narcisisticamente faz da organização a sua projeção, o seu espelho.

Os problemas associados à dupla moral da organização e às dificuldades práticas para realizar este estudo trazem-nos algumas inquietações:

1. Problemas de acesso, transparência e opacidade

- Embora os contatos iniciais tenham sido facilitados pela PARATODOS (interessa-lhes ser objeto de estudo da Universidade) não sabemos o quanto será desvelado e se será suficiente para garantir consistência aos resultados;

2. Problemas de focalização

- Os holofotes serão postos na figura do líder, partindo-se da contextualização deste na organização e desta no entorno social. O overlapping entre vida do líder e vida da organização, entre esta e a sociedade que a tolera e mantém em flagrante relação de cumplicidade sugere problemas no uso de categorias, instrumentos e recursos, que Turner (1988) já identificou anteriormente em estudos de cultura;

3. Problemas de análise

- A "deconstrução" e reconstrução de histórias de vida tem dificuldades típicas. Estes casos serão acentuados pelas

resistências e defesas das pessoas e da organização.

4. Problemas de ética e neutralidade no tratamento do objeto e na difusão de resultados

- O ethos organizacional da PARATODOS conjuga valores sociais, legítimos e ilegítimos, aprovados e desaprovados, de uma forma mais dicotômica que as organizações mais comuns.

Moralidade, imoralidade e amoralidade convivem na organização com muitas nuances. A relação do pesquisador com o objeto é dificultada pela tendência em jogar com seus próprios juízos de valor, quando o objeto de análise requer o tratamento objetivo de qualquer outra organização.

Ao se estabelecer a relação de confiança entre investigador e investigado, como lidar com informações comprometedoras porventura confiadas? Tem o pesquisador o direito de difusão? Tem direito ao segredo, como outras profissões que lidam com comportamento humano?

E, finalmente, a precariedade de referências teóricas e de estudos similares no campo das organizações torna este estudo de caso mais ou menos singular e com pouca margem de generalizações.

Feitas essas constatações, decidimos expor nossas dúvidas à comunidade de Administração, haja vista que o desvelar de organizações não convencionais, ambíguas e marginais faz parte do nosso mister. Além disso, as redes organizacionais locais não serão entendidas, sem que os nós e as linhas que desenham essas redes, sejam quais forem, tornem-se visíveis.

ABSTRACT

This research refers to a case study on the organization PARATODOS BAHIA. Its capacity of survival and permanence managing the "Jogo do Bicho" in Salvador and Lauro de Freitas cities is analysed.

Key-Words:

Contravention, Leadership, Organizational Network, Virtual Organizations.

5. BIBLIOGRAFIA

DANTAS, M. *Olodum: de Bloco Afro a Holding Cultural*. Salvador. Edições Olodum, 1994.

DAVIDOW, William & MALONE, Michael S. *A Corporação Virtual*. Pioneira; São Paulo; 1993.

FISCHER, T. et alli. *Poder Local, Redes Sociais e Gestão Pública em Salvador, Bahia*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1993.

LAPIERRE, L. *Le Leadership: Le Meilleur et Le Pire*. Revue Internationale de Gestion. 16(3)set/1991.

PINHEIRO, P.S. *Conluio e Conivência*. Jornal do Brasil. 12/04/94.

RISÉRIO, A. *Carnaval Ijexá*. Salvador, Currupio, 1981.

SIQUEIRA, M.L. *As Dimensões Organizativas da Cultura Afro-Baiana em Salvador*. In: Fischer et alli. *Poder Local, Governo e Cidadania*. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1993.

TURNER, B. *Connoisseurship in the Study of Organizational Culture*. In: *Doing Research in Organizations*. Londres. Routledge, 1988.